

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB
VOL. 15, Nº 1
2013

Revista Graphos, vol. 15, nº 1, 2013 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536
Universidade Federal da Paraíba

Reitora

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo

Revista Graphos

Editores

Expedito Ferraz Júnior

Fabício Possebon

Organizadores do Dossiê

ESTUDOS MEDIEVAIS

Fabício Possebon (DCR/UFPB)

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (DLCV/UFPB)

Conselho Editorial

Ana Cristina Marinho Lúcio
Genilda Azerêdo
Luiz Antonio Mousinho Magalhães
Marta Pragana Dantas
Conselho consultivo
Aloísio Dantas (UFCG)
Cristina Mello (Universidade de Coimbra)
Elisalva Madruga Dantas (UFPB)
Ester Míriam Scarpa (UNICAMP)
Genilda Azeredo (UFPB)
Gentil Luís de Faria (UNESP/ Rio Preto)
Henrique Graciano Murachco (USP)
Juan Antônio Lopes Ferez (UNED/Espanha)
Juvino Alves Maia Júnior (UFPB)
Maria da Gloria Bordini (PUC/RS)
Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB)
Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara)
Maria do Socorro Aragão (UFC)
Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG)
Mônica Nóbrega (UFPB)
Nadilza M. de B. Moreira (UFPB)
Peggy Sharpe (Florida State University)
Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
Valdir Flores (UFRGS)
Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB)

2013

EDITORIAL: O MÚLTIPLO MEDIEVO

*Dolci ire, dolci sdegni, et dolci paci,
dolce mal, dolce affanno, et dolce peso,
dolce parlare, et dolcemente inteso,
or di dolce ôra, or pien di dolci faci*

*Doce ira, doce paz, doce malogro,
doce mal, doce dor, doce rugido,
doce falar, e docemente ouvido,
ou de doce aura, ou cheia de doce fogo*

Esta estrofe de Petrarca, do soneto CCV do *Canzoniere*, é o nosso mote para pensar o período medieval. Já não há mais espaço para a repetição irrefletida que quer reduzi-lo ao obscurantismo sustentado pela Igreja. Trata-se sem dúvida de um período pungente, rico de vida e por que não de morte, que é o seu sucessor natural... Ora, como pode ser doce a ira, *dolci ire*? Como pode existir um *dolce mal* e um *dolce affanno*? Porque a vida é assim, contraditória, foge ao enquadramento limitador de uma classificação escolar. Foi o encanto deste universo multifacetado que motivou o GIEM – Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais a organizar o II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba, com o instigante título “Sábias, Guerreiras e Místicas”, em homenagem aos 600 anos de Joana D’Arc, entre os dias 11 e 13 de junho de 2012. Nestes três dias de intenso debate, ouviu-se a voz medieval sob diferentes prismas, tal como a literatura, a sacralidade, o gênero, a história, ouviu-se então o *dolce parlare* e também o *dolcemente inteso*.

Da riqueza desta experiência, eis aqui reunidos alguns trabalhos significativos que a Revista Graphos tem a honra de publicar. Não damos na sequência um resumo, que poderá ser encontrado no próprio texto, mas sim um **destaque** de algo que consideramos particularmente relevante.

O artigo da profa. Adriana Zierer analisa a *Demanda do Santo Graal*, obra complexa e reveladora das contraposições medievais acima ditas, como este fragmento do artigo revela: “O amor cortês tem duas facetas: no trovadorismo muitas vezes é platônico, no qual o sofrimento pela dama é uma maneira do homem testar os seus limites e realizar o autocontrole. Já no romance cortês esse amor é concretizado, sem que os amantes sejam punidos por isso”.

Ao apresentar a versão de dois romances históricos contemporâneos, a saber, *Isabel de Aragão, rainha santa* (2011), de Vitorino Nemésio, e *Os pecados da rainha Santa Isabel* (2010), de António Cândido Franco, a profa. Aldinida Medeiros conclui comprovando “que o assunto do enredo romanesco é a História oficial. Enfim, toma o tema histórico como ponto de partida para a narração, pois naquilo que bem afirmou Hutchen (1991), tanto a História como a ficção são gêneros permeáveis. O romance histórico contemporâneo é prova cabal disto”.

Ana Míriam Wuensch, refletindo sobre *O Livro da Cidade das Damas*, de Christine de Pizan, aproxima a criação literária das *femmes des lettres* a uma fênix maravilhosa: “É sempre tentador tomar a compreensão do estado de coisas que alcançamos por esforço e mérito - intelectual ou intuitivo e afetivo - como o ponto de partida para a nossa ação no mundo, junto aos demais. Neste sentido,

a *paideia* feminista é como uma *fênix*, que deve renascer a cada encontro entre as gerações”.

A profa. Cláudia Costa Brochado, em seu artigo, resgata o movimento da “*Querelle des femmes*” no contexto da Cataluña, mostrando, pela análise cuidadosa de textos de três autores catalães, o debate literário acerca da natureza feminina, como nesta citação original: “No me'n meravell, car natural cosa és pendre delit en música e especialment que sia mesclada ab retòrica e poesia, que concorren sovent en les danses e cançons dictades per bons trobadors”.

Na obra musical de Carl Orff, criada a partir dos poemas goliárdicos *Carmina Burana*, mesclam-se as tradições bíblicas e medievais. Maria da Conceição Oliveira Guimarães, em sua interpretação, conclui que “Em sua cantata, sente-se que a humanidade está submetida aos caprichos da roda-da-fortuna, e que o amor e a exuberância da vida estão à mercê da eterna lei da mutabilidade. Nessa conjuntura, as leis do entusiasmo amoroso são contrariadas e o homem é submetido a uma luz dura, não sentimental, tornando-se um joguete de forças impenetráveis e misteriosas”.

Um estudo dos *fabliaux érotiques* é o que nos oferece a profa. Marta Pragma Dantas. Trata-se de contos cômicos, com forte carga de erotismo e obscenidade, escritos, na sua maioria, pelos goliardos dos já citados *Carmina Burana*, daí cabe bem a “advertência” da autora: “Mas a transcrição acima também pode chocar alguns desavisados para quem a Idade Média, devido ao controle da Igreja sobre as mais diversas esferas da vida social, é vista como uma época de contrição cuja expressão literária estaria circunscrita às vidas de santos, às cantigas de gesta e à lírica cortês de cunho idealista”.

Mais uma figura feminina aparece nesta coletânea: Hildegarda de Bingen, aqui analisada pela pesquisadora Mirtes Emilia Pinheiro. Entre inúmeras preocupações de uma vida produtiva, Hildegarda também se ocupou da vida onírica, como neste destaque: “Assim, é bem provável que seja Satã que envie aos homens as poluções noturnas, que os levam a atos pecaminosos. O sonho é ligado ao corpo e vai ser demonizado pelo cristianismo. Por isso, havia o medo de sonhar e ter o corpo invadido por espíritos ruins, que colocariam em risco a perda de sua alma. Hildegarda aconselha que para se livrar dos fantasmas que rondam os sonhadores...”.

Sergio Alberto Feldman interpreta o ritual judaico *santificação do Nome divino*, no contexto medieval, “mas a necessidade do sangue pelos judeus era explicitada de maneira mística por alguns pensadores medievais. Em virtude do deicídio, os judeus vertiam sangue através de hemorroidas, numa espécie de menstruação masculina, que tornava os judeus não só culpados do deicídio, como os efeminava”.

Foram estes então os oito artigos selecionados para esta coletânea medieval. A escolha quis privilegiar a diversidade, para que o leitor não limite seu olhar a este mundo tão variegado de expressões artísticas e culturais. Fechando a edição, temos três conferências, postas numa seção separada, cujo foco na representação feminina na Idade Média e principalmente na surpreendente participação das mulheres nesse período histórico, define bem a proposta do evento. A primeira, proferida pela profa. Alicia Esther Ramadori, da Argentina, propôs uma tipologia das mulheres medievais sábias: erudita e cortesã, prudente e conselheira, experimentada e paremióloga. Nosso destaque está nas conclusões: “No obstante, considero que en general las figuraciones de la mujer sabia en la literatura española medieval muestran una valoración positiva de estos paradigmas femeninos y, consecuentemente, de la mujer”.

A segunda conferência é do prof. Eduardo Hoornaert, da UFBA, discorrendo sobre os consagrados *Carmina Burana*, cuja tradução para o português teve a autoria do também belga, pesquisador medievalista Maurice Van Woensel, um dos

impulsionadores dos estudos medievais na UFPB. Conclui assim a fala do prof. Hoornaert: “O estudo dessas canções apela para um fato novo na consciência coletiva, que ainda está longe de ser compartilhado por todos. Paradoxalmente, se pode dizer que figuras como Heloisa e as mulheres queixosas dos *Carmina Burana* preparam o socialismo do século XXI, que deverá integrar a relacionalidade entre homem e mulher da mesma forma em que integra a relacionalidade entre homem e natureza em geral”.

A última conferência é da profa. Lieve Troch, da Holanda. Analisando importantes figuras femininas místicas, conclui a professora: “Na Idade Média e no início do Renascimento, o contexto social e cultural determinará se os esforços das mulheres para adquirir auto-controle sobre sua própria vida e espiritualidade serão avaliados como sagrado ou histórico. Quão lamentável seria se a historiografia aceitasse facilmente a determinação histórica”.

Deste modo concluímos também nosso convite para que o leitor adentre o mundo medieval que, não cansamos de repetir, é *pien di dolci faci*, como disse Petrarca.

Luciana Eleonora de Freitas Calado DEPLAGNE

Fabricio POSSEBON

Programa de Pós-Graduação em Letras

CCHLA-UFPB